



Francisco Simões
Investigador Auxiliar no ISCTE

Gostamos de ser toureados

Ali pelo início do verão, ouvi o diretor de um jornal de referência em Portugal manifestar a incerteza coletiva que se apoderara da redação. Segundo ele, os jornalistas não se entendiam quanto à maneira de lidar com a extrema-direita.

As dúvidas existenciais e as alegações de desconhecimento da comunicação social tradicional neste campo não me compadecem. O modelo de negócio usado pela extrema-direita está estudado e é sempre o mesmo: a economia da atenção. Resumindo a fórmula. Primeiro: criar o caos, insultando, humilhando, ameaçando. Segundo: esperar, sentado, o retorno a triplicar sob a forma de indignação. Terceiro: Repetir.

Semelhante método remonta, pelo menos, aos anos noventa do século passado, quando surgiram os programas de rádio do conservador Rush Limbaugh.

Na Europa, há quem já não se lembre da ascensão meteórica de Berlusconi, usando essa cartilha e todos os meios do seu grupo de comunicação social. Mas se for necessário aprender com os contem-

porâneos, leia-se Michael Wolff, o biógrafo de Trump, no primeiro mandato.

Se falta consenso entre os jornalistas sobre como lidar com esta realidade, apesar de tantos e tão variados casos de estudo, sobra a necessidade, porém, de monetizar essa economia da atenção não sobram dúvidas.

Em agosto, o principal podcast de comentário político desse mesmo jornal de referência vai de férias e republica, semanalmente, uma biografia do grande líder. Trata-se de um excelente documentário radiofónico, mas essa decisão só demonstra como as incertezas editoriais não passam, afinal, de pura retórica.

Quanto a nós, cidadãos comuns, também não estamos isentos de escrutínio. Num passado pouco distante, talvez pegasse a lengalenga da polarização trazida pelas redes sociais estar para além do nosso controlo. Nada mais errado. Na realidade, temos ido a jogo nos termos que eles querem. E caímos sempre: partilhando, respondendo ou escarnecendo do conteúdo de certas publicações, sobretudo quando o motivo parece ser ridículo, seja ele uma azia forçada, um rodízio de

hambúrgueres ou um passeio de burro.

Nessas ocasiões, ainda fazemos pior, alimentando o monstro insaciável: refiro-me ao algoritmo. O caso do festival dos hambúrgueres é, aliás, paradigmático. A um mês das autárquicas e com o foco das notícias incidindo sobre uma tragédia em Lisboa, estava obviamente na altura de redirecionar a atenção geral, com a ajuda do monstro. Lembra-se do gáudio generalizado nos dias seguintes? Como se agora, sim, é o que os tivéssemos apanhado em falso? Durante esse tempo, estiveram, apenas, a trabalhar para eles, de borla, como estava planeado.

A opção é nossa, obviamente, se queremos ou não continuar a ser toureados. Sei que pode parecer uma acusação dura, mas é o que se está a passar. Por sinal há algumas soluções, algumas delas bem simples, que podem ser reunidas em jeito de pequeno manifesto.

Paremos de partilhar e comentar tantas vezes as publicações do bloco anti-democrático, especialmente quando o fazemos para ridicularizar. Com isso só atingimos duas coisas: multiplicamos o seu impacto e reforçamos a sua união in-

terna, como é próprio das dinâmicas “nós contra eles”. Já agora, aquela sensação de superioridade moral que retiramos desse ato é contraproducente e, deixem que vos diga, bastante tonta, face aos resultados que produz.

Temos de escolher as guerras. Não podemos ir a todas – nem devemos. A indignação em democracia é um bem valioso que não pode ser desperdiçada e muito menos pode ser usada contra nós, para nos desgastar, como está a ser feito neste momento. Ainda não se deram conta disso?

Temos de ser muito, muito melhores a expor a indigência ou o ridículo dos argumentos. Nos espaços certos, com moderação, fundamentos, alguma pedagogia, doses certas de cinismo e persistência. Não, não podem simplesmente mudar de assunto ou usar a tática da ofensa, vão ter mesmo de ir até ao fim. Por breves instantes, vi essa abordagem ser adotada num debate autárquico aqui, na região. Faltou paciência a quem o fez, mas foi vê-los logo em aflição.

Tudo isto está ao nosso alcance. A escolha, agora, é nossa. ■